



ARTIGO

Sinopse taxonômica da família Lauraceae na porção norte da Floresta Atlântica brasileira¹

Suellen Oliveira Santos^{2*} e Marccus Alves²

Recebido: 20 de agosto de 2012

Recebido após revisão: 18 de fevereiro de 2013

Aceito: 21 de fevereiro de 2013

Disponível on-line em <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/2332>

RESUMO: (Sinopse taxonômica da família Lauraceae na porção norte da Floresta Atlântica brasileira). O presente trabalho apresenta uma sinopse taxonômica da família Lauraceae na porção norte da Floresta Atlântica do Brasil, entre os estados do Ceará e Sergipe. Constatou-se a ocorrência de vinte e quatro espécies, sendo o gênero *Ocotea* Aubl. o mais representativo com catorze espécies, seguido de *Nectandra* Rol. ex Rottb. com três espécies e *Aiouea* Aubl., *Aniba* Aubl., *Cassytha* L., *Cinnamomum* Schaeff., *Cryptocarya* R.Br., *Licaria* Aubl. e *Persea* Mill., com uma espécie cada. Para reconhecimento das espécies são apresentadas uma chave de identificação, diagnoses morfológicas, dados sobre distribuição geográfica, além de informações de fenologia e nomes populares.

Palavras-chave: Florística, Floresta Atlântica brasileira, louro, Nordeste do Brasil, taxonomia.

ABSTRACT: (Taxonomic synopsis of the family Lauraceae north in the Atlantic Forest Brazilian). This work consists of a taxonomic synopsis of Lauraceae in the northern part of the Atlantic Forest, between the states of Ceará and Sergipe. Twenty-four species are cited, and the genus *Ocotea* Aubl. is the most representative with fourteen species, followed by *Nectandra* Rol. ex Rottb. with three species and *Aiouea* Aubl., *Aniba* Aubl., *Cassytha* L., *Cinnamomum* Schaeff., *Cryptocarya* R.Br., *Licaria* Aubl. and *Persea* Mill., with one species each. Identification keys, morphological diagnoses, data on geographical distribution, as well as information on the phenology and popular names are presented.

Key words: Floristic, Brazilian Atlantic Forest, Northeastern Brazil, taxonomy.

INTRODUÇÃO

Lauraceae Juss. pertence à ordem Laurales (APG III, 2009), possui distribuição pantropical sendo bem representada na América, Ásia tropical, Austrália e Madagascar e pouco expressiva no sul da África. Compreende cerca de 50 gêneros e 2.500-3.000 espécies (Rohwer 1993a, van der Werff & Richter 1996). No Brasil, a família é reconhecida por 23 gêneros e 434 espécies, dos quais 18 gêneros e 125 espécies foram citados para a região Nordeste do Brasil (Quinet *et al.* 2012).

As espécies são, predominantemente, árvores (com exceção do gênero *Cassytha* cujas plantas são trepadeiras parasitas) e, em geral, aromáticas. As folhas são alternas e simples, raro opostas a subopostas ou lobadas. As flores são unissexuadas ou bissexuadas, actinomorfas. Os estames apresentam antera com deiscência valvar e são dispostos em quatro verticilos. O ovário é súpero, unilocular e uniovulado. Os frutos são do tipo bacáceo ou núcula, em geral com o hipanto modificado em cúpula, de margem simples ou dupla (van der Werff 1991; Quinet & Andreatta 2002).

Economicamente, Lauraceae é de grande relevância na indústria madeireira, sendo utilizada principalmente para mobiliários de luxo (Rizzini 1971). Fornece ainda óleos essenciais e alcalóides empregados na perfumaria, cos-

metologia e na fabricação de fármacos (Marques 2001). Do ponto de vista ecológico formam um importante grupo, principalmente na região Neotropical, onde está entre as famílias de maior riqueza em diferentes comunidades, especialmente nas florestas de terras baixas ou em altitudes intermediárias (Gentry 1988). Em remanescentes de Floresta Atlântica, Lauraceae vem sendo apontada como uma das mais representativas, tanto em número de indivíduos quanto em riqueza de táxons (Quinet & Andreatta 2002). Nesse cenário de grande diversidade ao longo da Floresta Atlântica, aliada à exploração econômica, observa-se o elevado número de espécies ameaçadas de extinção. A lista referendada pela comunidade científica (IUCN 2009) cita para o Brasil 36 espécies da família ameaçadas de extinção.

O conhecimento sobre a família Lauraceae ainda é incipiente em face de sua grande importância nos ecossistemas tropicais (van der Werff & Richter 1996). No Nordeste do Brasil, os estudos taxonômicos da família restringem-se aos trabalhos de Ida de Vattimo-Gil (1960/1961), Barreto (1988, 1990) e recentemente Santos & Alves (2012). Buscando preencher essa lacuna, o presente estudo tem por objetivo fornecer caracteres morfológicos para o reconhecimento dos táxons ocorrentes na porção norte da Floresta Atlântica assim como dados atualizados sobre distribuição geográfica dos mesmos.

1. Parte da dissertação de mestrado da primeira autora. Instituição financiadora CAPES.

2. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Dept^o de Botânica, Lab. Morfo-Taxonomia Vegetal, Av. Prof^o Moraes Rêgo s/n^o, Cidade Universitária, 50670-901, Recife, PE, Brasil.

* Autor para correspondência: suellen100t@hotmail.com

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo

Compreende os remanescentes de Floresta Atlântica ao longo dos Estados de Alagoas, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, que representa o limite norte de distribuição da Floresta Atlântica, entre as coordenadas 2° 57' 48" - 11° 27' 35" S e 37° 22' 34" - 41° 16' 4" W. Estima-se que essa porção possua uma área de 76.938 Km², distribuída principalmente sobre as terras baixas da Formação Barreiras e os contra-fortes do Planalto da Borborema até 1.000 m de altitude (Tabarelli *et al.* 2006). Dentro deste recorte ocorrem as Florestas das Terras Baixas (< 100 m de altitude), Submontana (100-600 m) e Montana (> 600 m), a qual inclui os encaves de floresta estacional semidecidual na região da caatinga: os brejos de altitude nordestinos *sensu* Veloso *et al.* (1991).

Estudo taxonômico

As coletas botânicas foram realizadas durante o período de março de 2010 a março de 2011. Foram agregadas também informações obtidas a partir das coleções depositadas nos herbários ALCB, ASE, CEPEC, EAC, EAN, HRB, HST, HUEFS, INPA, IPA, JPB, MAC, MUFAL, PEUFR, RB, R, UFP e UFRN, (siglas de acordo com Thiers 2011, exceto HST – Herbário Sérgio Tavares, Universidade Federal Rural de Pernambuco). As amostras botânicas foram submetidas às técnicas usuais em taxonomia vegetal (Mori *et al.* 1985) e os *vouchers* depositados no herbário UFP, com duplicatas enviadas aos herbários localizados na área de estudo e ao CEPEC, INPA, NY e RB.

A identificação dos táxons foi estabelecida com base em bibliografia especializada (Mez 1889; Rohwer 1986; Barreto 1990; Rohwer 1993b; Baitello 2003; entre outros), por comparação com amostras previamente identificadas por especialistas e análise de materiais-tipo. A terminologia morfológica seguiu Font Quer (1953), Harris & Harris (1995), Hickey & King (2000) e Gonçalves & Lorenzi (2007). Para a análise da tipologia dos frutos e do padrão de venação foram utilizados Barroso *et al.* (1999) e Hickey (1973), respectivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo relata a ocorrência de 24 espécies distribuídas em nove gêneros, sendo *Ocotea* Aubl. o mais representativo com catorze espécies, seguidos de *Nectandra* Rol. ex Rottb. com três espécies e de *Aiouea* Aubl., *Aniba* Aubl., *Cassytha* L., *Cinnamomum* Schaeff., *Cryptocarya* R.Br., *Licaria* Aubl. e *Persea* Mill., com uma espécie cada.

De maneira geral, as espécies registradas são amplamente distribuídas na América do Sul. Por outro lado, *Licaria bahiana* Kurz, *Ocotea brachybotrya* (Meisn.) Mez, *Ocotea glauca* (Nees & Mart.) Mez, *Ocotea indecora* (Schott) Mez, *Ocotea maranguapensis* Vattimo-Gil e *Persea caesia* Meisn. são endêmicas da Mata Atlântica, o que corrobora a importância da família neste Domínio.

Na porção norte da Floresta Atlântica, a maior diversidade taxonômica da família está localizada no estado de Pernambuco, com 22 espécies, seguida de Alagoas e Ceará com 14 espécies cada; Paraíba e Sergipe com seis espécies cada e Rio Grande do Norte com apenas quatro

Tabela 1. Lista de espécies de Lauraceae e sua distribuição geográfica nos estados da porção norte da Floresta Atlântica brasileira.

Espécies / Estado	Alagoas	Ceará	Paraíba	Pernambuco	Rio Grande do Norte	Sergipe
<i>Aiouea saligna</i> Meisn.		X				
<i>Aniba firmula</i> (Nees & Mart.) Mez				X		
<i>Cassytha filiformis</i> L.	X	X	X	X	X	X
<i>Cinnamomum triplinerve</i> (Ruiz & Pavon) Kosterm.		X	X	X		
<i>Cryptocarya moschata</i> Nees & Mart.	X			X		
<i>Licaria bahiana</i> Kurz	X			X		
<i>Nectandra cissiflora</i> Nees				X		
<i>Nectandra cuspidata</i> Nees & Mart	X	X		X		
<i>Nectandra reticulata</i> Mez		X		X		
<i>Ocotea brachybotrya</i> (Meisn.) Mez	X			X		
<i>Ocotea canaliculata</i> (Rich.) Mez	X	X	X	X	X	X
<i>Ocotea fasciculata</i> (Nees) Mez	X	X	X	X	X	X
<i>Ocotea glauca</i> (Nees) Mez	X			X		
<i>Ocotea glomerata</i> (Nees) Mez	X	X	X	X		X
<i>Ocotea indecora</i> (Schott) Mez	X	X		X		
<i>Ocotea lancifolia</i> (Schott) Mez				X		
<i>Ocotea limae</i> Vattimo-Gil		X		X		
<i>Ocotea longifolia</i> Kunth.	X	X		X		
<i>Ocotea maranguapensis</i> Vattimo-Gil		X				
<i>Ocotea nitida</i> (Meisn.) Rohwer	X	X		X		
<i>Ocotea notata</i> (Nees) Mez	X		X	X	X	X
<i>Ocotea puberula</i> (Rich.) Nees	X	X		X		
<i>Ocotea velloziana</i> (Meisn.) Mez				X		
<i>Persea caesia</i> Meisn.				X		X

espécies (Tab. 1). Nota-se que a altitude não interferiu no número de espécies ocorrentes nos diferentes ambientes da Floresta Atlântica. Até o presente, são consideradas exclusivas das áreas montanas, os táxons *Aiouea saligna* Meisn., *Aniba firmula* (Nees & Mart.) Mez, *Ocotea lancifolia* (Schott) Mez, *Ocotea maranguapensis* e *Ocotea velloziana* (Meisn.) Mez, e de ocorrência restrita às Florestas das Terras Baixas, *Persea caesia*.

Com base na informação disponível em Quinet *et al.* (2012), a distribuição geográfica de algumas espécies foi ampliada e atualizada: *Aniba firmula*, *Ocotea brachybotrya*, *Ocotea glauca*, *Ocotea lancifolia*, *Ocotea velloziana* e *Persea caesia* são novas ocorrências para a porção norte da Floresta Atlântica brasileira; *Ocotea ca-*

naliculata (Rich.) Mez e *Ocotea puberula* (Rich.) Nees são novos registros para o Ceará; *Ocotea notata* (Nees & Mart.) Mez é citada pela primeira vez para o Rio Grande do Norte; *Licaria bahiana* e *Nectandra reticulata* (Ruiz & Pav.) Mez são novos registros para o estado de Pernambuco.

De acordo com a lista de espécies ameaçadas da IUCN (IUCN 2009), nenhum dos táxons aqui analisados encontra-se sob algum grau de ameaça. No entanto, dada à raridade de amostras de algumas espécies nas coleções botânicas e à constante fragmentação e perda de habitats da Floresta Atlântica Nordeste, estudos populacionais tornam-se extremamente necessários para indicação dos níveis locais de ameaça desses táxons.

Chave de identificação para as espécies de Lauraceae da porção Norte da Floresta Atlântica brasileira

1. Trepadeiras hemiparasitas; inflorescência do tipo espiciforme **3.1. *Cassytha filiformis***
- 1'. Árvores ou arbustos; inflorescência do tipo panícula, tirsoide ou botrioide.
 2. Anteras 2-locelos.
 3. Androceu com 9 estames férteis.
 4. Folhas com face abaxial em geral sem papilas; frutos núculas globosas **5.1. *Cryptocarya moschata***
 - 4'. Folhas com face abaxial em geral com papilas; frutos bacáceos envolvidos parcialmente em cúpula de margem simples **2.1. *Aniba firmula***
 - 3'. Androceu com 6 ou 3 estames férteis.
 5. Androceu com 6 estames férteis; hipanto obcônico a campanulado; frutos com cúpula de margem simples **1.1. *Aiouea saligna***
 - 5'. Androceu com 3 estames férteis; hipanto urceolado; frutos com cúpula de margem dupla **6.1. *Licaria bahiana***
 - 2'. Anteras 4-locelos.
 6. Anteras dos estames com locelos dispostos em arco **7. *Nectandra***
 7. Margem da base das folhas com lobos reflexos, revolutos a pouco revolutos **7.1. *Nectandra reticulata***
 - 7'. Margem da base das folhas inteira, sem formar lobos reflexos e revolutos.
 8. Folhas elípticas a lanceoladas, ápice longamente acuminado; frutos com cúpula pateliforme **7.3. *Nectandra cuspidata***
 - 8'. Folhas obovadas a oblango-lanceoladas, ápice agudo; frutos com cúpula cônica **7.2. *Nectandra cissiflora***
 - 6'. Anteras dos estames com locelos dispostos em 2 pares sobrepostos.
 9. Folhas com venação acródroma imperfeita, subtriplínervas **4.1. *Cinnamomum triplinerve***
 - 9'. Folhas com venação penínervia, eucamptódroma ou broquidódroma.
 10. Tépalas externas geralmente menores que as internas; filetes maiores que as anteras; estaminódios da série IV sagitados **9.1. *Persea caesia***
 - 10'. Tépalas externas e internas iguais; filetes menores que as anteras; estaminódios da série IV filiformes ou ausentes **8. *Ocotea***
 11. Flores monoclinas.
 12. Folhas subopostas a verticiladas no ápice dos ramos floríferos ou frutíferos.
 13. Folhas em geral arqueadas (dobradas ao meio, em material herborizado); lâmina foliar com face abaxial glabrescente a pubescente; superfície interna do hipanto denso-pilosa **8.3. *Ocotea fasciculata***
 - 13'. Folhas planas (em material herborizado); lâmina foliar com face abaxial glabra; superfície interna do hipanto glabra a glabrescente **8.6. *Ocotea indecora***
 - 12'. Folhas alternas nos ramos frutíferos ou floríferos **8.10. *Ocotea maranguapensis***
 - 11'. Flores diclinas.
 14. Domácias presentes na face abaxial das foas **8.12. *Ocotea notata***
 - 14'. Domácias ausentes na face abaxial das folhas.
 15. Venação broquidódroma.
 16. Ramos fortemente angulosos; folhas oblanceoladas a obovadas, 18,5-30 cm compr. **8.9. *Ocotea longifolia***

- 16'. Ramos cilíndricos ou subcilíndricos; folhas elípticas, ovadas a obovadas, 7,1-16,2 cm compr.
17. Folhas com face abaxial glabra, face adaxial com reticulação densa.
18. Ramos com lenticelas evidentes, glabros a glabrescentes; frutos de cúpula hemisférica com tépalas decíduas **8.4. *Ocotea glauca***
- 18'. Ramos sem lenticelas evidentes, pubescentes; frutos de cúpula pateliforme com tépalas persistentes **8.1. *Ocotea brachybotrya***
- 17'. Folhas com face abaxial esparso-pubérula, face adaxial com reticulação laxa **8.13. *Ocotea puberula***
- 15'. Venação eucamptódroma.
19. Ramos fortemente angulosos.
20. Ramos pubescentes a tomentosos; folhas com margem plana **8.5. *Ocotea glomerata***
- 20'. Ramos glabros a glabrescentes; folhas com margem revoluta **8.8. *Ocotea limae***
- 19'. Ramos cilíndricos a subcilíndricos.
21. Ramos glabros a glabrescentes.
22. Folhas oblongas a largo-elípticas; frutos elipsoides com cúpula de margem simples **8.14. *Ocotea velloziana***
- 22'. Folhas orbiculares a ovais (lanceoladas em material do Sul e Sudeste); frutos globosos com cúpula de margem dupla **8.7. *Ocotea lancifolia***
- 21'. Ramos pubérulos a tomentosos.
23. Ramos ferrugíneo-tomentosos; frutos com cúpula de margem simples **8.2. *Ocotea canaliculata***
- 23'. Ramos pubérulos, não ferrugíneos; frutos com cúpula de margem dupla **8.11. *Ocotea nitida***

1. *Aiouea* Aubl.

Árvores ou arbustos, monoicos. Folhas alternas, penínervas, sem papilas na face abaxial. Inflorescência panícula ou tirsoide. Flores monoclinas, hipanto profundo, obcônico ou campanulado, tépalas 6, eretas, iguais. Estames 6 ou 3 férteis, filetes mais delgados que as anteras, anteras 2-locelos. Ovário globoso ou elíptico, glabro; estigma discoide. Frutos bacáceos, elipsoides, sobre ou parcialmente envolvidos por cúpula de margem simples, tépalas decíduas.

O gênero *Aiouea* é restrito à região Neotropical, com 19 espécies (Kubitzki & Renner 1982). No Brasil, ocorrem 14 espécies, das quais seis são registradas para o Nordeste brasileiro (Quinet *et al.* 2012).

1.1. *Aiouea saligna* Meisn., *Prodr.* 15 (1): 82. 1864.

Iconografia: Vattimo-Gil (1966) e Baitello (2003).

Árvores até 5 m alt.; ramos cilíndricos, glabros a glabrescentes, avermelhados. Folhas lanceoladas, face abaxial glabra, margem plana, venação broquidódroma. Inflorescência panícula, multiflora. Flores monoclinas, glabras, amarelas; estames-6 férteis. Frutos elipsoides; cúpula pateliforme, margem simples; tépalas decíduas.

Fenologia: Coletada apenas em flores em outubro.

Comentários: Bastante semelhante a *Aiouea laevis* (Mart.) Kosterm, podendo ocorrer em simpatria (Kubitzki & Renner 1982). Diferencia-se desta pela dimensão de suas folhas e flores, em média menores, e pelos ramos, folhas e flores glabros.

Distribuição geográfica: Espécie endêmica do Brasil,

com registros para os Domínios da Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga (Quinet *et al.* 2012). No Domínio Atlântico, ocorre de forma contínua do Rio Grande do Sul à Bahia em Florestas de Terras Baixas, podendo ser encontradas também nos estados do Maranhão e Ceará, no entanto, em áreas de altitudes acima de 800 m (Kubitzki & Renner 1982).

Material examinado: BRASIL. CEARÁ: **Aratuba**, Sítio Jacarandá, 18 out.1979, *E. Nunes & A.J. Castro s/n* (EAC 7150).

Material adicional: BRASIL. MATO GROSSO: **Cuiabá**, Arredores do Acampamento da Royal Society, 9 out. 1968, *A. Lima 393-68* (IPA).

2. *Aniba* Aubl.

Árvores ou arbustos, monoicos. Folhas alternas, em geral com papilas na face abaxial. Inflorescência panícula ou botrioides. Flores monoclinas, hipanto cupuliforme ou tubular, tépalas 6, eretas, iguais. Estames 9 férteis, filetes em geral mais largos e longos que as anteras, anteras 2-locelos. Ovário elipsoide, estigma peltado, papiloso. Fruto bacáceo, elipsoide ou ovoide, envolvido parcialmente por cúpula de margem simples, tépalas decíduas.

São reconhecidas 41 espécies de *Aniba* para a região Neotropical, sendo 27 de ocorrência no Brasil (Kubitzki & Renner 1982). No Nordeste brasileiro, são registradas apenas sete espécies (Quinet *et al.* 2012).

2.1. *Aniba firmula* (Nees & Mart.) Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* 5: 58. 1889. (Fig. 1A)

Nome popular: louro-canela.

Iconografia: Vattimo-Gil (1966), Baitello (2003) e Assis *et al.* (2005).

Árvores até 15 m alt.; ramos angulosos, fortemente lenticelados, acinzentados. Folhas elípticas, face abaxial glabrescente, papilosa, margem ondulada, venação broquidódroma. Inflorescência panícula, pauciflora a submultiflora. Flores monoclinas, pubescentes a tomentosas. Frutos ovados a elipsoides; cúpula hemisférica

com lenticelas proeminentes, margem simples; tépalas decíduas.

Fenologia: Floresce de março a julho e frutifica em março.

Comentários: Kostermans (1938), tratava *Aniba firmula* como um sinônimo de *Aniba panurensis* (Meisn.) Mez. No entanto, Kubitzki & Renner (1982) delimitou essas duas espécies e as separou pelo comprimento das flores e distribuição geográfica, a primeira ocorrendo nas

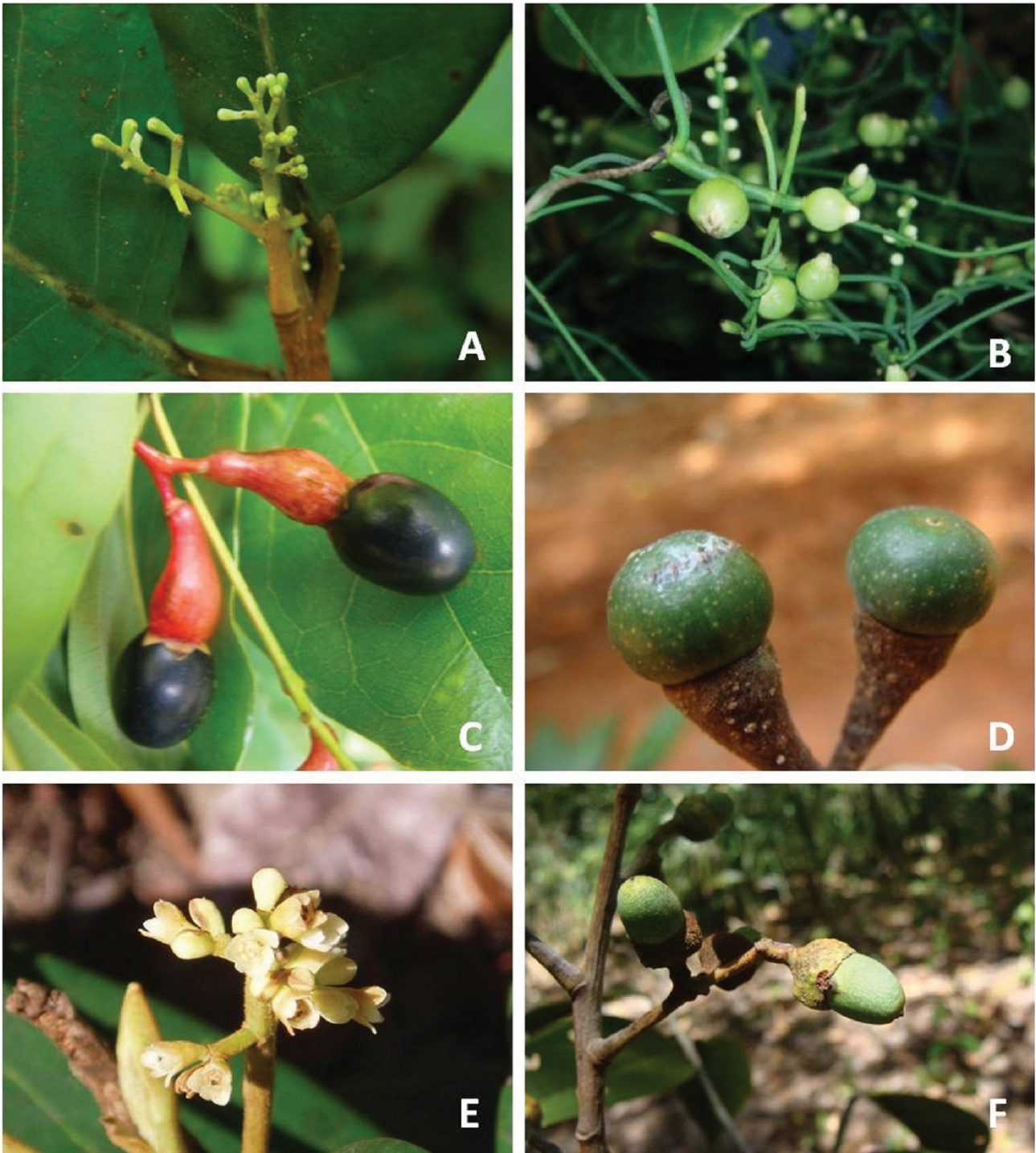


Figura 1. A. *Aniba firmula* (Nees & Mart. ex Nees) Mez. B. *Cassytha filiformis* L. C. *Cinnamomum triplinerve* (Ruiz & Pav.) Kosterm. D. *Nectandra cuspidata* Nees & Mart. E-F. *Ocotea canaliculata* (Rich.) Mez. E. Flores. F. Frutos.

regiões Nordeste, Sul e Sudeste do Brasil e a segunda na região Norte do país.

Distribuição geográfica: Endêmica do Brasil (Kubitzki & Renner 1982; Quinet *et al.* 2012). No Nordeste era conhecida até então para a Bahia (Quinet *et al.* 2012), sendo aqui um novo registro para porção norte da Floresta Atlântica, onde foi encontrada apenas em florestas montanas do Estado de Pernambuco, em altitudes de 600-700 m.

Material selecionado: BRASIL. PERNAMBUCO: **São Vicente Férrer**, 22 mar. 1999, *E.M.N. Ferraz* 639 (PEUFR).

3. *Cassytha* L.

Trepadeiras que se prendem ao hospedeiro através de haustórios diminutos, monoicas. Flores monoclinas, sésseis ou curto-pediceladas, tépalas 6, desiguais. Estames 9 férteis, anteras 2-locelos. Ovário, em geral, globoso, glabro, estilete curto e estigma capitado. Fruto núcula, envolvido completamente pelo hipanto acrescente de consistência carnosa; tépalas persistentes.

São reconhecidas 17 espécies de *Cassytha* para o mundo, sendo a maioria australiana, poucas africanas e asiáticas e apenas *Cassytha filiformis* L. cosmopolita (Weber 1981).

3.1. *Cassytha filiformis* L., *Sp. Pl.*: 35. 1753. (Fig. 1B)

Nomes populares: cipó-chumbo, cordão-de-ouro, erva-de-chumbo.

Iconografia: Alves & Ishii (2007) e Santos & Alves (2012).

Trepadeiras hemiparasitas; ramos glabrescentes, pilosos ou pubescentes, verde-amarelado. Folhas escamiformes, margem pilosa a tomentosa. Inflorescência espiciforme. Flores monoclinas, glabrescentes a pilosas. Frutos núculas, orifício apical formado pelas tépalas persistentes.

Fenologia: Floresce e frutifica durante todo o ano.

Comentários: Devido ao hábito trepador é comumente confundida com o gênero *Cuscuta* L. (Convolvulaceae), no entanto, nestas as inflorescências são cimosas e os frutos capsulares.

Distribuição geográfica: Amplamente distribuída na América do Sul, com registros para Mata Atlântica, Amazônia e matas ciliares do Cerrado (Baitello 2003; Quinet *et al.* 2012). Na região Nordeste é encontrada em todos os estados, principalmente nas bordas dos fragmentos florestais, formando um intenso tapete de coloração verde-amarelada.

Material selecionado: BRASIL. ALAGOAS: **Marechal Deodoro**, Dunas do Cavalo, 12 fev. 2009, *E. Chagas & M. Mota* 1996 (MAC). CEARÁ: **Fortaleza**, 3 set. 1983, *A. Fernandes et al. s/n* (EAC 12187). PARAÍBA: **Mamanguape**, Rebio Guaribas, 17 jul. 2010, *S.O. Santos et al.* 329 (UFP). PERNAMBUCO: **Igarassu**, Mata da Chave, 03 mar. 2010, *S.O. Santos et al.* 153 (UFP, RB, CEPEC). RIO GRANDE DO NORTE: **Natal**, Campus

da UFRN, 15 jul. 2010, *S.O. Santos* 157 (UFP, RB, CEPEC). SERGIPE: **Santo Amaro das Brotas**, 18 maio 1983, *E.M. Carneiro s/n* (UFP 3223).

4. *Cinnamomum* Schaeff.

Árvores ou arbustos monoicos. Folhas alternas, em geral triplinérvias. Inflorescência panícula, tirsoide ou tirso. Flores monoclinas, tépalas 6 iguais ou desiguais. Estames 9 férteis, 4-locelos ou raro 2-locelos na série III por supressão dos locelos superiores; estaminódios da série IV sagitados. Ovário elipsoide a subgloboso, estigma discoide ou triangular. Fruto bacáceo, elipsoide ou subgloboso, cúpula pateliforme a hemisférica, tépalas persistentes ou decíduas.

Cinnamomum contém de 200 a 350 espécies distribuídas principalmente no sudeste da Ásia, Índia, Austrália e Ilhas do Pacífico (Rohwer 1993a). Nas Américas, existem cerca de 50 espécies, das quais 15 ocorrem no Brasil (Lorea-Hernández 1996). No Nordeste são registradas apenas três espécies do gênero (Quinet *et al.* 2012; van der Werff 2006).

4.1. *Cinnamomum triplinerve* (Ruiz & Pavon) Kosterm., *Reinwardtia* 6: 24. 1961. (Fig. 1C)

Sinônimo: *Cinnamomum chana* Vattimo-Gil, Arch. Jard. Bot. 17: 223. 1962.

Nome popular: louro-canela.

Iconografia: Lorea-Hernández (1996) e Santos & Alves (2012).

Árvores até 12 m alt.; ramos cilíndricos, glabros a pilosos. Folhas elípticas ou ovadas, face abaxial glabra a esparso-pubérula, margem ondulada, venação acródroma imperfeita (subtriplinérvias), domácias na axila das nervuras secundárias. Inflorescência panícula, pauciflora a submultiflora. Flores monoclinas, glabras a pubérulas; estaminódios cordados. Frutos elipsoides; cúpula pateliforme, margem simples; tépalas-6 persistentes.

Fenologia: Floresce e frutifica praticamente durante todo o ano.

Comentários: Táxon altamente polimórfico (Lorea-Hernández 1996). Facilmente reconhecida por apresentar folhas subtriplinérvias com domácias na axila das nervuras secundárias, margem da lâmina foliar ondulada e pecíolo na maioria das vezes com coloração avermelhada, e frutos com cúpula pateliforme com 6 tépalas persistentes.

Distribuição geográfica: Amplamente distribuída na América. No Brasil é conhecida para os domínios Mata Atlântica, Amazônico e Caatinga (Quinet *et al.* 2012). Registrada para as florestas de terras baixas, submontanas e montanas dos estados do Ceará, Paraíba e Pernambuco.

Material selecionado: BRASIL. CEARÁ: **Maranguape**, Sítio São José, 17 out. 1947, *P. Bezerra s/n* (EAC 915). PARAÍBA: **Areia**, Mata do Pau Ferro, 29 jul. 1980, *D. Andrade-Lima et al. s/n* (IPA 25843). PERNAMBUCO: **Igarassu**, Usina São José, 01 mar. 2010, *S.O. Santos et al.* 152 (UFP, RB, CEPEC).

5. *Cryptocarya* R. Br.

Árvores monoicas. Folhas alternas, em geral sem papilas na face abaxial. Inflorescência panícula ou tirsoide. Flores monoclinas, hipanto urceolado, tépalas 6, patentes, iguais. Estames 9 férteis, filetes mais delgados que as anteras, anteras 2-locelos. Ovário globoso, glabro, estigma inconspícuo, raro peltado. Fruto núcula globosa, superfície lisa ou estriada; hipanto acrescente que envolve completamente a núcula.

Cryptocarya é um gênero pantropical com cerca de 200 a 350 espécies. Para o Brasil são registradas 13 espécies, das quais seis ocorrem no Nordeste brasileiro (Quinet *et al.* 2012; Moraes 2007).

5.1. *Cryptocarya moschata* Nees & Mart., *Linnaea* 8: 37. 1833.

Nomes populares: louro-amarelo, louro.

Iconografia: Meissner (1866) e Pedralli (1987).

Árvores até 15 m alt.; ramos cilíndricos, glabros a glabrescentes. Folhas lanceoladas, face abaxial glabra a denso-pubérula, margem ondulada, venação eucamptódroma. Inflorescência panícula, pauciflora a submultiflora. Flores monoclinas, áureo-tomentosas. Frutos núculas globosas, estriadas; hipanto acrescente envolve completamente o fruto; tépalas decíduas.

Fenologia: Floresce em fevereiro e frutifica em dezembro.

Comentários: Assemelha-se a *C. aschersoniana* Mez, principalmente pela morfologia floral, porém distingue-se pelas folhas com a face adaxial fosca e tomentosa e pelos frutos com de estrias mais sulcadas na superfície.

Distribuição geográfica: Endêmica do Brasil, encontrada nos domínios Mata Atlântica e Cerrado (Quinet *et al.* 2012). Na área de estudo, foi registrada apenas para os estados de Pernambuco e Alagoas.

Material examinado: BRASIL. ALAGOAS: **Colônia de Leopoldina**, Pé de Serra, 17 jan. 1967, *F. Paiva 3377* (HST). PERNAMBUCO: **Gurjaú**, 07 fev. 1952, *A. Ducke & A. Lima 87* (IPA).

Material adicional: BRASIL. BAHIA: **Palmeiras**, Pai Inácio, 24 abr. 1995, *A. Pereira et al. 1753* (ALCB, CEPEC).

6. *Licaria* Aubl.

Árvores monoicas. Folhas alternas ou opostas, sem papilas na face abaxial. Inflorescência panícula com terminações cimosas. Flores monoclinas, hipanto urceolado, tépalas 6, em geral eretas, iguais. Estames 3 férteis, filetes em geral da mesma largura que as anteras ou mais delgados, anteras 2-locelos. Ovário globoso ou elipsoide, estigma inconspícuo. Fruto bacáceo, parcialmente envolvido por cúpula grande em relação ao fruto, cúpula de margem dupla, tépalas decíduas.

Licaria é um gênero neotropical com 38 espécies, das quais 20 ocorrem no Brasil (Kurz 2000). No Nordeste brasileiro são registradas apenas três espécies (Quinet *et al.* 2012).

6.1. *Licaria bahiana* Kurz, *Mitt. Inst. Allg. Bot. Hamburgo* 28/29: 146. 2000.

Nome popular: louro-canela.

Iconografia: Kurz (2000).

Árvores até 8,5 m alt.; ramos angulosos a subangulosos, denso-pilosos. Folhas oblongo-elípticas, face abaxial glabra a glabrescente, margem plana a ondulada, venação eucamptódroma. Inflorescência panícula, submultiflora. Flores monoclinas, glabras. Frutos elípticos; cúpula campanulada lenticelada, margem dupla; tépalas decíduas.

Fenologia: Coletada apenas em frutos nos meses de junho, novembro e fevereiro.

Comentários: É facilmente reconhecida por suas folhas oblongo-elípticas, em geral de coloração amarelada em material herborizado e os frutos com cúpula de margem dupla, com lenticelas proeminentes.

Distribuição geográfica: Endêmica da Floresta Atlântica. Na região Nordeste, a espécie era conhecida para os Estados da Bahia e Alagoas (Quinet *et al.* 2012), sendo sua distribuição ampliada para Pernambuco, onde foi encontrada em altitudes médias de 400 m.

Material examinado: BRASIL. ALAGOAS: **Murici**, 15 fev. 2005, *N.T. Mendonça 469* (MAC); **União dos Palmares**, Serra das Bananeiras, 03 nov. 2001, *W.W. Thomas et al. s/n* (CEPEC 13219). PERNAMBUCO: **São Vicente Férrer**, Mata do Triunfo, 28 jun. 2008, *C.G. Lopes et al. 616* (PEUFR).

Material adicional: BRASIL. BAHIA: **Km 25 da Rodovia Guaratinga/São Paulinho**, 02 abr. 1973, *R.S. Pinheiro 2085* (CEPEC-Isótipo!).

7. *Nectandra* Rol. ex Rottb.

Árvores ou arbustos monoicos. Folhas alternas, raro opostas. Inflorescência geralmente tirsoide-paniculada, raro racemo, axilar ou no ápice dos ramos. Flores monoclinas, tépalas 6. Estames 9 férteis, anteras 4-locelos, locelos dispostos em arco ou em linha horizontal. Ovário globoso a elipsoide. Fruto bacáceo, globoso à elipsoide, cúpula pateliforme, obcônica ou hemisférica.

O gênero *Nectandra* é restrito às Américas Tropical e Subtropical, com 114 espécies reconhecidas até o presente, das quais 43 ocorrem no Brasil (Rohwer 1993b). No Nordeste, estão catalogadas 12 espécies (van der Werff 2006), com duas espécies de ocorrência em Pernambuco (Barreto 1988).

7.1. *Nectandra cissiflora* Nees, *Syst. Laur.*: 296. 1836.

Nome popular: louro-babão.

Iconografia: Alves & Sartori (2009).

Árvores até 20 m alt.; ramos fortemente angulosos, pilosos a tomentosos. Folhas obovadas, largo obovadas a oblongo-lanceoladas, face abaxial esparso a denso-tomentosa, margem da base inteira, sem formar lobos revolutos, venação eucamptódroma. Inflorescência tirsoide ou panícula, multiflora. Flores monoclinas, glabrescentes a pubérulas; anteras subsésseis, tépalas papilosas. Frutos elipsoides a globosos; cúpula cônica, margem simples; tépalas decíduas.

Fenologia: Floresce em outubro-novembro e frutifica em outubro.

Comentários: Diferencia-se das demais espécies da área por possuir folhas grandes, obovadas a oblongo-lanceoladas, com face abaxial tomentosa e flores de tépalas papilosas e anteras subsésseis.

Distribuição geográfica: Amplamente distribuída do México ao Brasil, onde é encontrada em todas as regiões associada aos domínios da Mata Atlântica, Cerrado e Amazônico (Baitello 2003; Quinet *et al.* 2012). Na porção norte da Floresta Atlântica, a espécie é considerada rara e representada apenas por uma amostra para o Estado de Pernambuco.

Material examinado: BRASIL. PERNAMBUCO: **Vicência**, Mata do Engenho Jundiá, 17 nov. 1962, *S. Tavares 1140* (HST).

Material adicional: BRASIL. MATO GROSSO DO SUL: **Anaurilândia**, 15 out. 1998, *A. Amaral et al. 232* (RB).

7.2. *Nectandra cuspidata* Nees & Mart., *Syst. Laur.*: 330. 1836. (Fig. 1D)

Nomes populares: louro-pimenta; louro-canela; louro-cagão; louro-eucalipto; louro.

Iconografia: Meissner (1866) e Santos & Alves (2012).

Árvores até 25 m alt.; ramos angulosos, tomentosos a seríceos. Folhas elípticas a lanceoladas, longamente acuminadas, face abaxial pubérula a serícea, margem da base inteira, sem formar lobos revolutos, venação eucamptódroma, nervuras fortemente salientes na face abaxial. Inflorescência tirsoide ou panícula, submultiflora a multiflora. Flores monoclinas, pilosas a tomentosas. Frutos globosos; cúpula pateliforme, margem simples; tépalas decíduas.

Fenologia: Floresce e frutifica praticamente durante todo o ano.

Comentários: Assemelha-se a *N. membranacea* (Sw.) Griseb., mas difere pelo indumento da superfície abaxial das folhas e pelo comprimento dos filetes da série I. Em *N. cuspidata* o indumento é pubérulo a seríceo e o comprimento dos filetes da série I é mais curto que as anteras, já em *N. membranacea* o indumento é glabrescente e os filetes normalmente mais longos que as anteras.

Distribuição geográfica: Ocorre do sul do México até o Paraguai (Rohwer 1993b). No Brasil, apresenta distribuição abrangente, com ocorrência para os domínios da Mata Atlântica, Cerrado e Amazônico (Quinet *et al.* 2012). Na porção norte da Floresta Atlântica, é encontrada nos estados de Alagoas, Ceará e Pernambuco, em sua maioria associada a habitat de maior umidade.

Material selecionado: BRASIL. ALAGOAS: **Murici**, 2 maio 2004, *N.T. Mendonça 346* (MAC). CEARÁ: **Guaramiranga**, Sítio Cana Brava, 30 maio 1994, *M.R. Oliveira s/n* (EAC 209948). PERNAMBUCO: **Jaqueira**, Serra do Urubu, RRPPN Frei Caneca, 12 out. 2010, *S.O. Santos 290* (UFP, RB, CEPEC).

7.3. *Nectandra reticulata* Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin*

5: 404. 1889.

Nome popular: louro.

Iconografia: Vattimo-Gil (1966), Coe-Teixeira (1980) e Zanon *et al.* (2009).

Árvores até 10 m alt.; ramos cilíndricos a subcilíndricos, velutinos. Folhas elípticas com face abaxial serícea a velutina, margem da base formando lobos reflexos e conspícuos, revolutos a pouco revolutos, venação broquidódroma. Inflorescência tirsoide ou panícula, submultiflora. Flores monoclinas, seríceas. Frutos elipsoides; cúpula obcônica lenticelada, margem simples; tépalas decíduas.

Fenologia: Floresce em dezembro e frutifica em julho.

Comentários: *Nectandra reticulata* pode ser reconhecida por possuir folhas com margem da base auriculada, de lobos reflexos e conspícuos. Em alguns casos, podem ser confundidas com *Nectandra oppositifolia* Nees & Mart. *ex* Nees, no entanto, nesta última a filotaxia de suas folhas são opostas ou subopostas no ápice dos ramos.

Distribuição geográfica: Ocorre no México, América Central, porção Noroeste da América do Sul, chegando até a Bolívia (Rohwer 1993b). No Brasil, é citada para os domínios da Mata Atlântica, Cerrado e Amazônico (Quinet *et al.* 2012). No Nordeste, era conhecida apenas para os Estados da Bahia e Ceará (Quinet *et al.* 2012), sendo aqui registrada para florestas submontanas de Pernambuco, formalizando os primeiros registros ao norte do Rio São Francisco.

Material examinado: BRASIL. CEARÁ: **Jacobina**, s/d, *Allemdo s/n* (R 30866). PERNAMBUCO: **Caruaru**. Brejo dos Cavalos, 07 dez. 1988, *M.L. Guedes 1669* (PEUFR).

Material adicional: BRASIL. BAHIA: **Ibotirama**, Fazenda Cerrado, 26 jul. 1973, *F.B. Ramalho 249* (PEUFR).

8. *Ocotea* Aubl.

Árvores ou arbustos, monoicos ou dioicos. Folhas em geral alternas, raro opostas ou subopostas. Inflorescência panícula, tirso, tirsoide ou botrioide. Flores monoclinas ou diclinas, tépalas 6. Estames 9 férteis, filetes mais delgados que as anteras, anteras 4-locelos, locelos dispostos em pares sobrepostos; estaminódios da série IV filiformes ou ausentes. Ovário globoso, elipsoide, obovado ou ovado. Fruto bacáceo, sobre ou parcialmente envolvido pelo hipanto modificado em cúpula; tépalas decíduas ou persistentes.

Ocotea é o maior gênero no Neotrópico com cerca de 300 espécies distribuídas do México e Sul da Flórida até a Argentina, das quais se estima que 170 espécies ocorram no Brasil (van der Werff 1991; Baitello 2003; Quinet *et al.* 2012). Para o Nordeste brasileiro, são registradas 62 espécies (Quinet *et al.* 2012).

8.1. *Ocotea brachybotrya* (Meisn.) Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* 5: 332. 1889.

Nomes populares: louro-verdadeiro, louro-pimenta.

Iconografia: Coe-Teixeira (1980) e Assis *et al.* (2005).

Árvores até 15 m alt.; ramos cilíndricos a subcilíndri-

cos, pubescentes. Folhas elípticas, subovadas a ovadas, face abaxial glabra, margem plana, verde-oliváceas, venação broquidódroma. Inflorescência botriode ou panícula, pauciflora a multiflora. Flores diclinas, glabras a glabrescentes. Frutos elipsoides; cúpula pateliforme, margem simples; tépalas-6 persistentes.

Fenologia: Floresce de novembro a dezembro e frutifica de abril a agosto.

Comentários: *Ocotea brachybotrya* é reconhecida por suas folhas de coloração verde-oliváceas, de venação broquidódroma e frutos de cúpula pateliforme com 6 tépalas persistentes.

Distribuição geográfica: Endêmica da Floresta Atlântica e segundo Quinet *et al.* (2012), com limite norte de distribuição no Estado da Bahia. No entanto, a espécie é aqui citada para os Estados de Pernambuco e Alagoas, ampliando assim sua área de ocorrência na porção norte da Floresta Atlântica brasileira.

Material selecionado: BRASIL. ALAGOAS: **Rio Largo**, Fazenda Cachoeira, 17 ago. 1968, *M. T. Monteiro 22707* (HST). PERNAMBUCO: **Recife**, Curado, Mata do Curado, 16 nov. 1971, *D. Andrade-Lima 71-6763* (IPA).

8.2. *Ocotea canaliculata* (Rich.) Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* 5: 361. 1889. (Figs. 1E; 1F).

Basiônimo: *Laurus canaliculata* Rich., *Act. Soc. Hist. Nat. Paris* 1: 108. 1792.

Sinônimo: *Ocotea bracteosa* (Meisn.) Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* 5: 356. 1889.

Nomes populares: louro-pinha, louro-cagão, louro, louro-canela, cabaçu.

Iconografia: Santos & Alves (2012).

Árvores até 15 m alt.; ramos cilíndricos, ferrugíneo-tomentosos. Folhas elípticas ou lanceoladas, face abaxial pilosa a pubescente, margem plana a revoluta, venação eucamptódroma. Inflorescência panícula, multiflora com pequeno número de flores com desenvolvimento completo. Flores diclinas, pubescentes a tomentosas. Frutos elipsoides; cúpula hemisférica lenticelada, inflada na porção central, margem simples; tépalas decíduas.

Fenologia: Floresce de fevereiro a março e, agosto a outubro; frutifica de agosto a dezembro.

Comentários: *Ocotea canaliculata* é facilmente confundida com *Ocotea nitida* (Meisn.) Rohwer, principalmente pela morfologia floral. Distingue-se porque na primeira os frutos possuem cúpula de margem simples, enquanto em *Ocotea nitida* a cúpula é de margem dupla.

Distribuição geográfica: Amplamente distribuída na América do Sul, com registros para o Brasil, Guiana, Suriname e Guiana Francesa (van der Werff & Rohwer 1999). No Nordeste, tem aqui sua distribuição ampliada para os Estados de Alagoas, Ceará, Paraíba, Sergipe e Rio Grande do Norte.

Material selecionado: BRASIL. ALAGOAS: **Satuba**, APA do Catolé, 20 abr. 2006, *M.N. Rodrigues 1943* (MAC). CEARÁ: **São Gonçalo do Amarante**, 10 ago. 2010, *R.G. Ferreira s/n* (EAC 48322). PARAÍBA: **João Pessoa**, Mata do Buraquinho, 13 jul. 2010, *S.O. Santos*

156 (UFP, RB, CEPEC). PERNAMBUCO: **Igarassu**, Usina São José, 18 nov. 2010, *S.O. Santos 321* (UFP, RB, CEPEC). RIO GRANDE DO NORTE: **Nísia Floresta**, 26 fev. 1968, *G.H. Carvalho 115* (HST). SERGIPE: **Salgado**, Sítio Gameleiro, 26 jun. 1982, *G. Viana 527* (ASE).

8.3. *Ocotea fasciculata* (Nees) Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* 5: 248. 1889.

Sinônimo: *Ocotea duckei* Vattimo-Gil, *Rodriguésia* 35/36: 243. 1961.

Nomes populares: louro-de-cheiro, louro-pimenta, louro, louro-canela, louro-mijão.

Iconografia: Vattimo-Gil (1960/1961) e Barreto (1990), como *Ocotea duckei* Vattimo-Gil.

Árvores até 16 m alt.; ramos cilíndricos lenticelados, glabrescentes a pubescentes. Folhas subopostas a verticiladas no ápice dos ramos, em geral arqueadas quando herborizadas, face abaxial glabrescente a pubescente, margem plana a revoluta, venação broquidódroma. Inflorescência panícula ou tirsoide, pauciflora a submultiflora. Flores monoclinas, glabras a esparso-pilosas, hipanto denso-piloso. Frutos elipsoides; cúpula obcônica lenticelada, margem simples; tépalas decíduas.

Fenologia: Floresce e frutifica ao longo de todo ano.

Comentários: Táxon bastante similar a *Ocotea indecora* (Schott) Mez. Distingue-se porque em *O. indecora* as folhas são em maioria planas e a superfície interna do hipanto glabro a glabrescente e em *O. fasciculata* as folhas são folhas arqueadas em material seco e pela superfície interna do hipanto denso-pilosa.

Distribuição geográfica: Encontrada no Suriname, Guiana, Venezuela, Bolívia e Brasil (Assis 2009). Amplamente encontrada no Nordeste brasileiro, onde ocorre em domínios de Caatinga e Mata Atlântica, em ambientes de restinga, florestas ombrófila e semidecidual de terras baixas e submontana.

Material selecionado: BRASIL. ALAGOAS: **Coruripe**, Usina Coruripe, 5 out. 2004, *M.A.B.I. Machado 451* (MAC). CEARÁ: **Crato**, Flora do Araripe, 24 jun. 1994, *L.W. Lima-Verde s/n* (EAC 44087). PARAÍBA: **João Pessoa**, Campus da UFPB, 16 mar. 1993, *M.R. Barbosa 1353* (JPB). PERNAMBUCO: **São Lourenço da Mata**, Reserva ecológica de Tapacurá, 15 set. 1983, *R. Barreto 8* (IPA). RIO GRANDE DO NORTE: **Nísia Floresta**, Campo experimental, 24 fev. 1969, *G.H. Carvalho 102* (HST). SERGIPE: **Itabaiana**, fev. 1978, *A.C. Barreto s/n* (ASE 526).

8.4. *Ocotea glauca* (Nees) Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* 5: 362. 1889. (Fig. 2A)

Sinônimo: *Ocotea sylvatica* (Meisn.) Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* 5: 320. 1889.

Nome popular: louro.

Iconografia: Vattimo-Gil (1966) e Santos & Alves (2012).

Árvores até 12 m alt.; ramos cilíndricos lenticelados, glabros a glabrescentes. Folhas elípticas a subovadas, face abaxial glabra, marrom-avermelhada, margem

plana, venação broquidódroma. Inflorescência panícula, pauciflora, em geral menor que as folhas. Flores diclinas, pilosas a pubescentes. Frutos elipsoides; cúpula hemisférica; margem simples, inflada (em material herborizado); tépalas decíduas.

Fenologia: Floresce de maio a setembro e frutifica em outubro.

Comentários: Em campo, a espécie é diferenciada por apresentar ramos e tronco de coloração marrom-escuro nitidamente lenticelados, suas folhas são lustrosas e as

inflorescências geralmente menores que as folhas. Em material herborizado observa-se que a lâmina foliar apresenta coloração marrom-avermelhada na face abaxial.

Distribuição geográfica: Endêmica da Mata Atlântica e no Nordeste, era conhecida apenas para o Estado da Bahia (Quinet *et al.* 2012). Foi coletada em florestas de terras baixas e submontanas em Pernambuco e Alagoas, formalizando os primeiros registros para a porção norte da Floresta Atlântica.

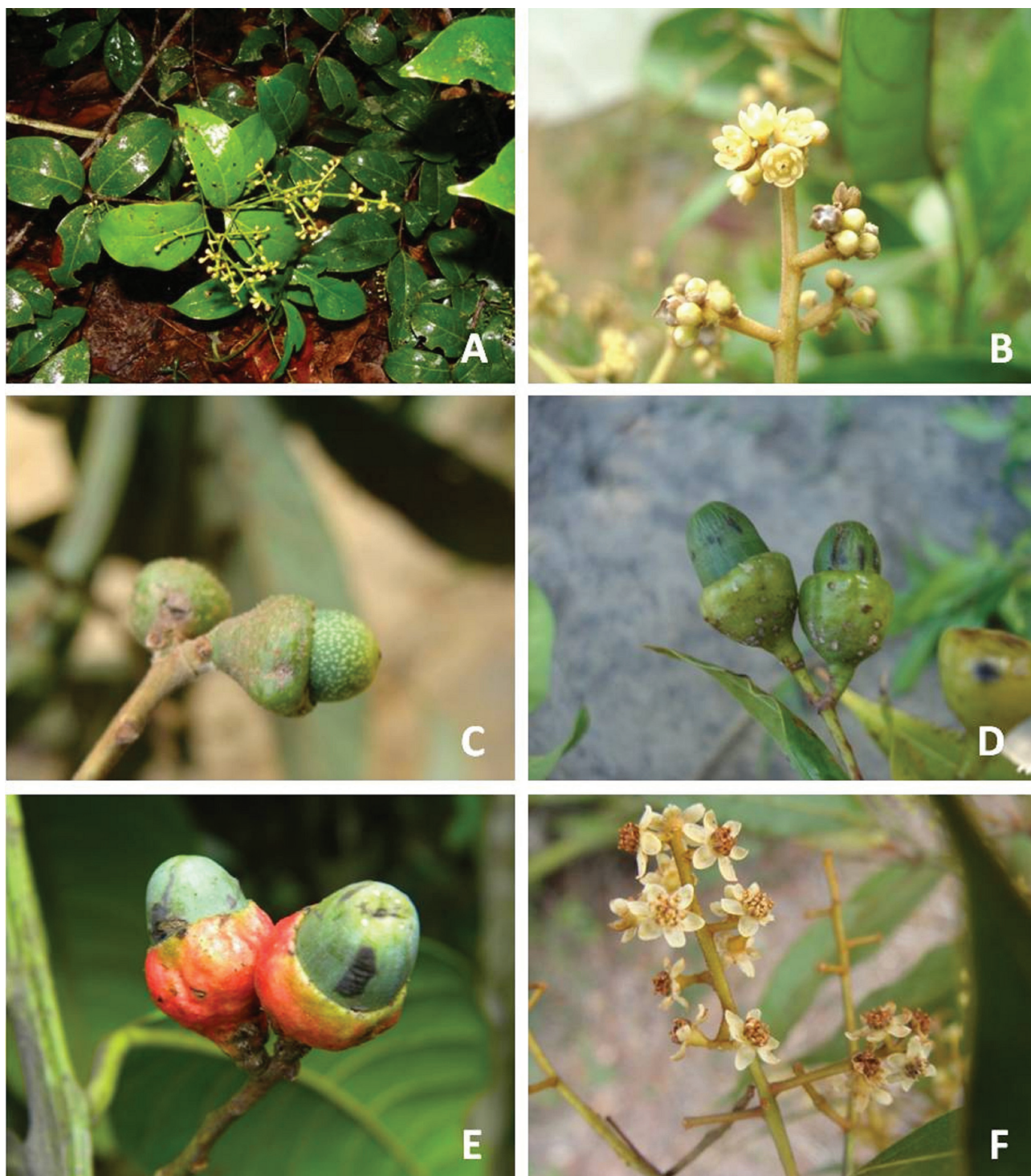


Figura 2. A. *Ocotlea glauca* (Nees & Mart.) Mez. B-C. *Ocotlea glomerata* (Nees) Mez. B. Flores. C. Frutos. D. *Ocotlea indecora* (Schott) Mez. E. *Ocotlea longifolia* Kunth. F. *Ocotlea notata* (Nees) Mez.

Material selecionado: BRASIL. ALAGOAS: **Quebrangulo**, Parque Estadual da Pedra Talhada, 08 maio 1987, *M.N. Rodrigues 1238* (MAC, IPA). PERNAMBUCO: **Recife**, Dois Irmãos, 11 nov. 1990, *M.L. Guedes 2470* (PEUFR).

8.5. *Ocotea glomerata* (Nees) Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* 5: 294. 1889. (Figs. 2B; 2C)

Nomes populares: louro-tucano, louro, louro-branco, louro-cagão.

Iconografia: Santos & Alves (2012).

Árvores até 20 m alt.; ramos fortemente angulosos, lenticelados, pubescentes a tomentosos. Folhas estreito-elípticas a lanceoladas, rígidas, face adaxial pubescente a esparso-pilosa, com pontuações diminutas, brilhantes, margem plana, venação eucamptódroma. Inflorescência panícula, submultiflora a multiflora. Flores diclinas, tomentosas. Frutos elipsoides; cúpula hemisférica a subemisférica, margem simples; tépalas decíduas.

Fenologia: Floresce de março a junho e frutifica de setembro a dezembro.

Comentário: Em campo é facilmente reconhecida pelo tronco fortemente lenticelado, que ao ser cortado, apresenta rápida oxidação e tornando-se avermelhado. As folhas são rígidas e coriáceas, em geral com a face abaxial opaca. Por vezes é confundida com *Ocotea longifolia* Kunth, no entanto, nesta última as folhas são em geral maiores e obovadas.

Distribuição geográfica: Registrada para o Brasil, Venezuela, Peru, Guiana, Guiana Francesa e Trinidad-Tobago (Moraes 2005). No Brasil é conhecida para os domínios da Mata Atlântica, Amazônico e Caatinga (Quinet *et al.* 2011). No Nordeste, pode ser encontrada em ambientes de restinga, florestas ombrófila e semidecidual das terras baixas, submontana e montana, nos estados de Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Ceará e Sergipe.

Material selecionado: BRASIL. ALAGOAS: **Quebrangulo**, Reserva Biológica da Pedra Talhada, 5 set. 2010, *S.O. Santos 236* (UFP, RB). CEARÁ: **São Benedito**, 10 dez. 2000, *A.S.F. Castro s/n* (EAC 30357). PARAÍBA: **Areia**, Mata do Pau Ferro, 16 set. 1999, *T. Gribi 15* (JPB). PERNAMBUCO: **Mata de Piedade**, 03 ago. 2010, *S.O. Santos 162* (UFP, RB, CEPEC). SERGIPE: **Santa Luzia** Itanhy, 15 mar. 1998, *M.F.C. Lundin s/n* (ASE 6121).

8.6. *Ocotea indecora* (Schott) Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* 5: 249. 1889. (Fig. 2D)

Nomes populares: louro-pimenta, louro-preto.

Iconografia: Santos & Alves (2012).

Árvores até 15 m alt.; ramos cilíndricos a subcilíndricos, glabros a glabrescentes. Folhas em geral subopostas a verticiladas no ápice dos ramos floríferos e frutíferos, planas, face abaxial glabra, margem levemente ondulada, venação broquidódroma. Inflorescência panícula ou tirsoide, submultiflora. Flores monoclinas, glabrescentes a pilosas, hipanto glabro a glabrescente. Frutos elipsoides; cúpula obcônica lenticelada, margem simples; tépalas

decíduas.

Fenologia: Floresce de março a junho e frutifica de outubro a dezembro.

Comentários: Facilmente confundida com *Ocotea fasciculata* (Nees) Mez, principalmente pela morfologia floral. Distingue-se porque em *O. fasciculata* as folhas são arqueadas em material seco e a superfície interna do hipanto denso-pilosa, já em *O. indecora* as folhas são em sua maioria planas e a superfície interna do hipanto glabro a glabrescente.

Distribuição geográfica: Endêmica da Mata Atlântica. No Brasil é registrada para as regiões Nordeste, Sul e Sudeste (Quinet *et al.* 2012). No Nordeste é amplamente distribuída nas florestas de terras baixas, submontanas e montanas.

Material selecionado: BRASIL. ALAGOAS: **Junqueiro**, Povoado Olho D'água, 26 jun. 2005, *A.L. Santos 109* (MAC). CEARÁ: **Ipu**, 25 jul. 2009, *A.S.F. Castro s/n* (EAC 45872). PERNAMBUCO: **Igarassu**, Usina São José, Mata de Piedade, 6 maio 2009, *A. Alves-Araújo 1230* (UFP).

8.7. *Ocotea lancifolia* (Schott) Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* 5: 289. 1889.

Iconografia: Coe-Teixeira (1980).

Árvores até 18 m alt.; ramos cilíndricos, glabros a glabrescentes. Folhas orbiculares a ovais (material da área), face abaxial glabra a glabrescente, margem plana, nervuras escurecidas, venação eucamptódroma. Inflorescência panícula, pauciflora. Flores diclinas, pubescentes a esparso-tomentosas. Frutos globosos; cúpula pateliforme a discoide lenhosa, margem dupla; tépalas subpersistentes.

Fenologia: Coletada apenas em fruto em outubro.

Comentários: Espécie fortemente variável, principalmente em relação à forma das folhas (Rohwer 1986). No material analisado oriundo da área de estudo, observou-se que a lâmina foliar varia de orbicular a oval, enquanto nas amostras provenientes da região Sudeste predomina o formato lanceolado a elíptico.

Distribuição geográfica: Ocorre no Paraguai e Brasil, principalmente em altitudes de 800 a 1.600 m (Moraes 2005). No Nordeste, era conhecida até então para o estado da Bahia (Quinet *et al.* 2012), tendo aqui sua distribuição ampliada para porção norte da Floresta Atlântica. Considerada uma espécie rara na área de estudo e conhecida apenas por uma amostra.

Material selecionado: BRASIL. PERNAMBUCO: **Brejo de Madre de Deus**, Mata da Malhada, 19 out. 1999, *L.M. Nascimento 277* (PEUFR).

8.8. *Ocotea limae* Vattimo-Gil, *Rodriguésia* 23/24 (35): 246. 1960/1961.

Nome popular: louro-morredor.

Iconografia: Vattimo-Gil (1960/1961).

Árvores até 15 m alt.; ramos fortemente angulosos, glabros a glabrescentes. Folhas elípticas, face abaxial glabrescente a esparso-pubérula, margem revoluta, venação

eucamptódroma. Inflorescência panícula, multiflora. Flores diclinas, glabras a pubéculas. Frutos desconhecidos.

Fenologia: Floresce de setembro a novembro.

Comentários: É reconhecida pelos ramos fortemente angulosos, as folhas cartáceo-coriáceas de margem revoluta e o pecíolo enegrecido.

Distribuição geográfica: Endêmica do Brasil, com ocorrência apenas para o Nordeste (Quinet *et al.* 2012). É conhecida por poucas coletas nos estados de Pernambuco e Ceará, em áreas florestais de terras baixas e submontanas e, de brejos de altitude, na Caatinga.

Material selecionado: BRASIL. CEARÁ: **Serra do Maranguape**, 23. nov. 1955, *D. Andrade-Lima 55-2363* (IPA-Holótipo!). PERNAMBUCO: **Caruaru**, Fazenda Caruaru, 10 out. 1971, *D. Andrade-Lima 71-6714* (IPA).

8.9. *Ocotea longifolia* Kunth., *Nov. Gen. Sp.* 2: 131. 1818. (Fig. 2E)

Nomes populares: louro, louro-ingá, louro-verdadeiro, louro-branco.

Iconografia: Santos & Alves (2012).

Arbustos a árvores até 8 m alt.; ramos fortemente angulosos, glabros a pilosos. Folhas oblanceoladas a obovadas, face abaxial pubescente a pilosa, margem plana, venação eucamptódroma. Inflorescência panícula, pauciflora a submultiflora. Flores diclinas, pilosas a pubescentes. Frutos elipsoides; cúpula hemisférica a subemisférica, margem simples; tépalas decíduas.

Fenologia: Floresce de junho a agosto e frutifica de outubro a maio.

Comentários: Pode ser diferenciada das demais por apresentar folhas longas com até 30 cm compr., ramos nitidamente angulosos e fruto maduro envolvido por uma cúpula de coloração vermelha. Pode ser confundida com *Ocotea glomerata*, no entanto, nesta espécie, as folhas são menores, mais estreitas e rígido-coriáceas.

Distribuição geográfica: Registrada para o Brasil, Colômbia, Equador, Venezuela, Bolívia e Guiana (van der Werff & Rohwer 1999). No Brasil, é referida como uma espécie de distribuição Amazônico-Atlântica (Quinet *et al.* 2012). Na área de estudo é registrada para os estados de Alagoas, Ceará e Pernambuco, onde foi coletada em ambientes florestais de até 700 m de altitude.

Material selecionado: BRASIL. ALAGOAS: **Rio Largo**, Usina Leão, 16 abr. 2009, *L.M. Leão 91* (MAC). CEARÁ: **Pacatuba**, 25 mar. 2000, *E. Sousa s/n* (EAC 29222). PERNAMBUCO: **Jaqueira**, Serra do Urubu, RPPN Frei Caneca, 13 nov. 2010, *S.O. Santos 295* (UFP, RB, CEPEC).

8.10. *Ocotea maranguapensis* Vattimo-Gil, *Rodriguésia* 23/24 (35): 244. 1960/1961.

Iconografia: Vattimo-Gil (1960/1961).

Arbustos; ramos cilíndricos a subcilíndricos, glabros. Folhas elípticas a obovadas, face abaxial pubescente, margem plana a levemente revoluta, venação broquidódroma, domácias presentes na axila das nervuras secundárias. Flores monoclinas, tomentosas. Frutos

desconhecidos.

Fenologia: Floresce em setembro.

Comentários: Apresentam ramos de coloração acinzentados, suas folhas possuem domácias na axila das nervuras secundárias da face abaxial e o pecíolo canaliculado enegrecido.

Distribuição geográfica: Endêmica da Floresta Atlântica do Ceará (Quinet *et al.* 2011; Vattimo-Gil 1960/1961) e encontrada apenas na localidade-tipo, na Serra de Maranguape no estado do Ceará, ambiente florestal de até 800 m de altitude.

Material examinado: BRASIL. CEARÁ: **Serra de Maranguape**, set. 1908, *A. Ducke s/n* (RB 20018 - Holótipo!).

8.11. *Ocotea nitida* (Meisn.) Rohwer, *Mitt. Inst. Allg. Bot. Hamburgo* 20: 160. 1986.

Nomes populares: louro.

Iconografia: Barreto (1990), como *Ocotea pallida* (Meisn.) Mez.

Arbustos a árvores até 7 m alt.; ramos cilíndricos a subcilíndricos, pubéculos. Folhas elípticas a subovadas, face abaxial opaca, margem plana a leve revoluta, venação eucamptódroma. Flores diclinas, tomentosas. Frutos elipsoides; cúpula hemisférica a cônica, margem dupla; tépalas decíduas.

Fenologia: Floresce de abril a junho e frutifica em novembro.

Comentários: Apresentam folhas rígido-coriáceas, normalmente, com a face adaxial lustrosa e abaxial opaca. Semelhante morfologicamente à *O. canaliculata* (Rich.) Mez, que difere pela margem simples da cúpula do fruto.

Distribuição geográfica: Endêmica do Brasil, com ocorrência para o Cerrado e a Mata Atlântica (Quinet *et al.* 2012). No Nordeste é conhecida para os Estados de Alagoas, Ceará, Pernambuco e Bahia. Em Pernambuco e Ceará é registrada para florestas secas em áreas de Caatinga e, em Alagoas, para florestas de terras baixas do domínio Atlântico.

Material selecionado: BRASIL. ALAGOAS: **Igreja Nova**, Atalha Fogo, 9 fev. 2002, *R. Lemos 6010* (IPA, MAC). CEARÁ: **Crato**, Chapada do Araripe, 13 out. 1984, *A. Fernandes & Goergen s/n* (EAC 12872). PERNAMBUCO: **Exú**, Serra do Araripe, Sítio Serrinha, 26 abr. 1983, *R. Barreto 46* (IPA).

8.12. *Ocotea notata* (Nees) Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* 5: 339. 1889. (Fig. 2F)

Sinônimo: *Ocotea gardneri* (Meisn.) Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* 5: 338. 1889.

Nomes populares: louro, louro-pipoca, louro-babão, louro-canela.

Iconografia: Vattimo-Gil (1966) e Santos & Alves (2012).

Arbustos a árvores até 20 m alt.; ramos cilíndricos a subcilíndricos, glabros a esparso-pilosos. Folhas ovóides a elípticas, face abaxial glabra, margem plana, venação broquidódroma, domácias na axila das nervuras secun-

dárias. Inflorescência panícula, pauciflora a multiflora. Flores diclinas, pilosas. Frutos elipsoides, de ápice agudo; cúpula hemisférica, margem simples; tépalas decíduas.

Fenologia: Floresce de fevereiro a junho e frutifica de agosto a outubro.

Comentários: Diferencia-se das demais espécies, principalmente por apresentar ramos sulcados, folhas com a face adaxial lustrosa e a abaxial opaca, presença de domácias na forma de tufo de pêlos na axila das primeiras nervuras secundárias e pelo pecíolo achatado ventralmente.

Distribuição geográfica: Endêmica do Brasil, registrada para as regiões Nordeste e Sudeste (Quinet *et al.* 2012). Na área de estudo, as formas arbustivas e arvoretas ocorrem em restingas. Foi encontrada em altitudes de até 700 m em Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Material selecionado: BRASIL. ALAGOAS: **Piaçabuçu**, Marituba, 14 mar. 1983, *R.F. Rocha 442* (MAC). PARAÍBA: **Mamanguape**, REBIO Guaribas, 17 jul. 2010, *S.O. Santos 327* (UFP, CEPEC, RB). PERNAMBUCO: **Sirinhaén**, APA de Guadalupe, 02 maio 2010, *S.O. Santos 154* (UFP, RB, CEPEC). RIO GRANDE DO NORTE: **Baía Formosa**, Mata Estrela, 19 jul. 2010, *S.O. Santos 158* (UFP, CEPEC, RB). SERGIPE: **Santo Amaro das Brotas**, próximo ao Rio Pomonga, 27 mar. 1991, *C. Farney & J.C. Silva 2709* (ASE, RB).

8.13. *Ocotea puberula* (Rich.) Nees, *Syst. Laur.*: 472. 1836.

Nomes populares: louro-pimenta, louro-seda.

Iconografia: Santos & Alves (2012).

Árvores até 18 m alt.; ramos cilíndricos, pilosos a pubérulos. Folhas elípticas a obovadas, face abaxial esparso-pubérula a pubérula, margem plana, venação broquidódroma, reticulação laxa. Inflorescência racemo a tirsoide, submultiflora a multiflora. Flores diclinas, glabrescentes a esparso-pubérulas. Frutos globosos; cúpula pateliforme, margem simples; tépalas decíduas.

Fenologia: Floresce em julho e frutifica de setembro a novembro.

Comentários: De acordo com Rohwer (1986), o táxon é altamente polimórfico em relação ao formato das folhas, sendo as amostras com folhas mais estreitas e lanceoladas encontradas ao sul da Floresta Atlântica.

Distribuição geográfica: Amplamente distribuída, desde o México até a Argentina. No Brasil, ocorre em todas as regiões e em quase todas as formações florestais (Moraes 2005). Na área de estudo foi encontrada em florestas de terras baixas, submontanas e montanas dos estados de Alagoas, Ceará e Pernambuco.

Material selecionado: BRASIL. ALAGOAS: **Murici**, Serra do Ouro, 7 nov. 2003, *A.L.L. Pinheiro 161* (MAC). CEARÁ: **Pacoti**, 17 set. 2007, *E. Silveira s/n* (EAC 41037). PERNAMBUCO: **Igarassu**, Usina São José, Mata de Cruzinha, 30 nov. 2008, *J.A.N. Souza 294* (UFP).

8.14. *Ocotea velloziana* (Meisn.) Mez, *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* 5: 347. 1889.

Iconografia: Vattimo-Gil (1966).

Árvores até 10 m alt.; ramos subcilíndricos, glabros a glabrescentes. Folhas oblongas a largo-elípticas, face abaxial glabrescente, margem plana, venação eucamp-tódroma. Flores não observadas. Frutos globosos a elipsoides; cúpula pateliforme, margem simples; tépalas decíduas.

Fenologia: Frutifica de setembro a outubro.

Comentários: *Ocotea velloziana* apresenta folhas oblongas a largo-elípticas, com face adaxial lustrosa e nervuras bem evidentes na face abaxial. Os frutos são globosos ou elipsoides e repousam sobre uma cúpula pateliforme.

Distribuição geográfica: Endêmica do Brasil e conhecida para os ambientes de Caatinga, Mata Atlântica e Cerrado (Quinet *et al.* 2012) e como limite norte de ocorrência o Estado da Bahia (Quinet *et al.* 2012). Sua distribuição é aqui ampliada para Pernambuco, onde foi coletada em florestas montanas, formalizando o primeiro registro para porção norte da Floresta Atlântica.

Material selecionado: BRASIL. PERNAMBUCO: **Brejo de Madre de Deus**, Mata do Bituri, 05 set. 2000, *L.M. Nascimento 429* (PEUFR).

9. *Persea* Mill.

Árvores monoicas. Folhas alternas, peninérveas, sem papilas na face abaxial. Inflorescência tirso-paniculada. Flores monoclinas, hipanto curto, tépalas 6, eretas, desiguais, as externas menores que as internas. Estames 9 ou 6 férteis, filetes mais delgados e maiores que as anteras, anteras 4-locelos; estaminódios da série IV sagitados. Ovário globoso ou elipsoide. Fruto bacáceo, cúpula de margem simples, tépalas em geral persistentes.

O gênero *Persea* possui cerca de 200 espécies distribuídas na América tropical e subtropical e Ásia (Kopp 1966). No Brasil, ocorrem 22 espécies, das quais oito são registradas para o Nordeste brasileiro (Quinet *et al.* 2012).

9.1. *Persea caesia* Meisn., *Prodr.* 15 (1): 44. 1864.

Nome popular: louro-abacate.

Iconografia: Meisner (1866).

Árvores até 10 m alt.; ramos subangulosos, pubérulos. Folhas elípticas a obovadas, face abaxial glabrescente a pilosa, margem levemente revoluta, venação eucamp-tódroma. Inflorescência panícula, multiflora. Flores monoclinas, tomentosas, tépalas 6 desiguais, as externas menores que as internas, série III dos estames reduzida a estaminódios. Frutos globosos; cúpula pateliforme, margem simples; tépalas-6 persistentes.

Fenologia: Floresce em outubro e frutifica em setembro.

Distribuição geográfica: Endêmica do Brasil e conhecida até então para os estados da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro (Quinet *et al.* 2012). Na porção norte da

Floresta Atlântica foi encontrada nos estados do Ceará e Pernambuco.

Material examinado: BRASIL. CEARÁ: **Itabaiana**, Serra de Itabaiana, 5 set. 2008, K. Mendes 337(UFP). PERNAMBUCO: **Amaraji**, Engenho Floresta, 10 out. 1968, D.P. Lima 12607 (HST).

AGRADECIMENTOS

A primeira autora agradece a CAPES, pela bolsa concedida; aos curadores dos herbários visitados, pelo espaço cedido para consulta à coleção botânica; ao Dr. Jens Rohwer pela disponibilidade de bibliografias; aos funcionários de todas as Unidades de Conservação onde foram realizadas coletas botânicas, pelo apoio logístico. Este trabalho contou com apoio financeiro da NSF e Beneficia Foundation.

REFERÊNCIAS

- APG III. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society*, 161: 105-121.
- ALVES, F. M. & ISHII, I. H. 2007. Lauraceae no Município de Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Rodriguésia*, 58(1): 179-192.
- ALVES, F. M. & SARTORI, A. L. B. 2009. *Nectandra* Rol. ex Rottb. (Lauraceae) no Mato Grosso do Sul, Brasil. *Acta Botanica Brasílica*, 23(1): 118-129.
- ASSIS, L.C.S., FORZZA, R.C. & VAN DER WERFF, H. 2005. A família Lauraceae na Reserva Biológica da Represa do Gramma, Descoberto, Minas Gerais, Brasil. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo*, 23: 113-139.
- ASSIS, L. C. S. 2009. *Sistemática e filosofia: filogenia do complexo Ocotea e revisão do grupo Ocotea indecora (Lauraceae)*. Tese de Doutorado, Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, São Paulo. 238 p.
- BAITELLO, J. B. 2003. Lauraceae. In: WANDERLEY, M.G.L., SHEPHERD, G.J., MELHEM, T.S., GIULIETTI, A.M. & KIRIZAWA, M. (Eds.). *Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo*. v. 3. São Carlos: Rima. p. 149-223.
- BARRETO, R.C. 1988. O gênero *Nectandra* Rol. ex Rottb. (Lauraceae) no Estado de Pernambuco. *Acta Botanica Brasílica*, 1(2): 63-71.
- BARRETO, R. C. 1990. O gênero *Ocotea* Aubl. (Lauraceae) no Estado de Pernambuco. *Anais do 36º Congresso Nacional de Botânica*, 1: 175-199.
- BARROSO, G.M., MORIM, M.P., PEIXOTO, A.L. & ICHASO, C.L.F. 1999. *Frutos e sementes: morfologia aplicada à sistemática de dicotiledôneas*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa. 443 p.
- COE-TEIXEIRA, B. 1980. Lauráceas do gênero *Ocotea* do Estado de São Paulo. *Rodriguésia*, 32(52): 55-190.
- FONT-QUER, P. 1953. *Diccionario de botânica*. Barcelona: Labor. 1244 p.
- GENTRY, A. 1988. Changes in plant community diversity and floristic composition on environmental and geographical gradients. *Annals of the Missouri Botanical Garden*, 69: 557-593.
- GONÇALVES, E.G. & LORENZI, H. 2007. *Morfologia vegetal: orfanografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares*. Nova Odessa: Plantarum. 416 p.
- HARRIS, J.G. & HARRIS, M.W. 1995. *Plant identification terminology: an illustrated glossary*. Spring Lake: Spring Lake Publishing. 206 p.
- HICKEY, L.J. 1973. Classification of architecture of dicotyledonous leaves. *Botanical Gazette*, 60(1): 17-33.
- HICKEY, M. & KING, C. 2000. *The Cambridge illustrated glossary of botanical terms*. Cambridge: Cambridge University Press. 208 p.
- IUCN. 2009. *IUCN Red list of threatened species*. Disponível em: <<http://www.biodiversitas.org.br/floraBr/iucn.pdf>> Acesso em 15 de dezembro 2010.
- KOSTERMANS, A.J.G.H. 1938. Revision of the Lauraceae III: the genera *Aiouea*, *Systemonodaphne*, *Urbanodendron*, *Mezilaurus*; additions and corrections to *Licaria* and *Cryptocarya*. *Recueil des Travaux Botaniques Néerlandais*, 35(1): 56-129.
- KOPP, L.E. 1966. A taxonomic revision of the genus *Persea* in the western hemisphere (Perseae-Lauraceae). *Memoirs of the New York Botanical Garden*, 14(1): 1-120.
- KUBITZKI, K. & RENNER, S. 1982. *Lauraceae I: Aniba and Aiouea. (Flora Neotropica Monographs, 31)*. New York: The New York Botanical Garden. 125 p.
- KURZ, H. 2000. Revision der Gattung *Licaria* (Lauraceae). *Mitteilungen aus dem Institut für allgemeine Botanik in Hamburg* 28/29: 89-221.
- LOREA-HERNÁNDEZ, F. G. 1996. *A systematic revision of the Neotropical species of Cinnamomum Schaeffer (Lauraceae)*. Tese de Doutorado. University of Missouri-Saint Louis, Saint Louis, 260 p.
- MARQUES, C. A. 2001. Importância Econômica da Família Lauraceae. *Floresta e Ambiente* 8(1): 195-206.
- MEISSNER, C.F. 1866. Lauraceae et Hernandiaceae. In: MARTIUS, C.F.P. & EICHLER, A.G. (Eds.). *Flora Brasiliensis* v.5 pt. 2. Muchen: Wien Leipzig. p. 137-138.
- MEZ, C. 1889. Lauraceae Americanae. *Jahrbuch des Königlichen botanischen Gartens und des botanischen Museums zu Berlin*, 5: 1-556.
- MORAES, P.L.R. 2005. Sinopse das Lauráceas nos Estados de Goiás e Tocantins, Brasil. *Biotaneotropica*, 5(2): 1-18.
- MORAES, P.L.R. de. 2007. Taxonomy of *Cryptocarya* species of Brazil. *ABC Taxa*, 3: 1-191.
- MORI, S.A., MATTOS-SILVA, L.A., LISBOA, G. & CORADIN, L. 1985. *Manual de manejo do herbário fanerogâmico*. 2ª ed. Ilhéus: CEPLAC/CEPEC. 104 p.
- PEDRALLI, G. 1987. A família Lauraceae Lindley no RS, Brasil: gêneros *Endlicheria* Nees, *Laurus* L. e *Cryptocarya* R.Br. *Acta Botanica Brasílica*, 1(1): 27-41.
- QUINET, A. & ANDREATA, R. H. P. 2002. Lauraceae Jussieu na Reserva Ecológica de Macaé de Cima, município de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil. *Rodriguésia*, 53(82): 59-121.
- QUINET, A., BAITELLO, J.B., MORAES, P.L.R. DE, ALVES, F.M. & ASSIS, L. 2012. Lauraceae. In: *Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB008426>>. Acessado: 22 de outubro de 2012.
- RIZZINI, C.T. 1971. *Árvores e madeiras úteis do Brasil*. São Paulo: E. Blücher. 286 p.
- ROHWER, J.G. 1986. Prodrômus einer Monographie der Gattung *Ocotea* Aubl. (Lauraceae) sensu lato. *Mitteilungen aus dem Institut für Allgemeine Botanik, Hamburg*, 20: 1-278.
- ROHWER, J.G. 1993a. Lauraceae. In: KUBITZKI, K., ROHWER, J.G. & BITTRICH, V. (Eds.). *The Families and Genera of Vascular Plants*. v.2. Berlin: Springer-Verlag. p. 366-391.
- ROHWER, J. G. 1993b. Lauraceae: *Nectandra*. *Flora Neotropica. Monograph* 60: 1-333.
- SANTOS, S.O. & ALVES, M. 2012. Flora da Usina São José, Igarassu, Pernambuco: Lauraceae. *Rodriguésia*, 63(3): 689-703.
- TABARELLI, M., SIQUEIRA FILHO, J. A. & SANTOS, A. M. M. 2006. A floresta Atlântica ao norte do Rio São Francisco. In: PÓRTO, K. C., CORTEZ, J. A. & TABARELLI, M. (Eds.). *Diversidade biológica e conservação da floresta Atlântica ao norte do Rio São Francisco (Coleção Biodiversidade)*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. p. 21-35.
- THIERS, B. 2011. *Index Herbariorum: a global directory of public herbaria and associated staff*. New York Botanical Garden's Virtual Herbarium. Disponível em: <<http://sweetgum.nybg.org/ih>> Acesso em 20 de junho 2011.

- VAN DER WERFF, H. 1991. A key to the genera of Lauraceae in the new world. *Annals of the Missouri Botanical Garden*, 78: 377-387.
- VAN DER WERFF, H. 2006. Lauraceae. In: BARBOSA, M.R.V.; SOTHERS, C.; MAYO, S., GAMARRA-ROJAS, C.F. & MESQUITA, A.C. (Orgs.). *Checklist das plantas do nordeste brasileiro: angiospermae e gymnospermae*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia. p. 92-94.
- VAN DER WERFF, H. & RICHTER, H.G. 1996. Toward an improved classification of Lauraceae. *Annals Missouri Botanical Garden*, 83: 409-418.
- VAN DER WERFF, H. & ROHWER, J.G. 1999. Lauraceae. In: STEYERMARK, J.A., BERRY, P.E., YATSKIEVYCH, K. & HOLST, B.K. (Eds.) *Flora of the Venezuelan Guyana*. Volume 5. St. Louis: Missouri Botanical Garden Press. p. 700-750.
- VATTIMO-GIL, I. 1960/1961. O gênero *Ocotea* Aubl. no Nordeste do Brasil. (Lauraceae). *Rodriguésia* 23/24(35): 241-251
- VATTIMO-GIL, I. 1966. Lauraceae do Estado da Guanabara. *Rodriguésia*, 25(37): 75-223.
- VELOSO, H. P., RANGEL FILHO, A. L. R. & LIMA, J. C. A. 1991. *Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal*. Rio de Janeiro: IBGE. 123 p.
- ZANON, M.M.F., GOLDENBERG, R. & MORAES, P.L.R. 2009. O gênero *Nectandra* Rol. ex Rottb. (LAURACEAE) no Estado do Paraná, Brasil. *Acta Botanica Brasílica*, 23(1): 22-35.
- LISTA DE EXSICATAS**
- Allemdo*: R 30866 (7.3).
- Alves-Araújo, A.*: 1230 (8.6-UFP).
- Amaral, A.*: 232 (7.1-RB).
- Andrade-Lima, D.*: IPA 25843 (4.1), 71-6763 (8.1-IPA), 55-2363, 71-6714 (8.8-IPA).
- Barbosa, M.R.*: 1353 (8.3-JPB).
- Barreto, A.C.*: ASE 526 (8.3).
- Barreto, R.*: 08 (8.3-IPA), 46 (8.11-IPA).
- Bezerra, P.*: EAC 915 (4.1).
- Carneiro, E.M.*: UFP 3223 (3.1).
- Carvalho, G.H.*: 115 (8.2-HST), 102 (8.3-HST).
- Castro, A.S.F.*: EAC 30357 (8.5), EAC 45872 (8.6).
- Chagas, E. & Mota, M.*: 1996 (3.1-MAC).
- Ducke, A.*: RB 20018 (8.10).
- Ducke & Lima*: 87 (5.1-IPA).
- Farney, C.*: 2709 (8.12-ASE, RB).
- Fernandes, A.*: EAC 12187 (3.1).
- Fernandes & Goergen*: EAC 12872 (8.11).
- Ferraz, E.M.N.*: 639 (2.1-PEUFR).
- Ferreira, R.G.*: EAC 48322 (8.2).
- Gribi, T.*: 15 (8.5JPB).
- Guedes, M.L.*: 1669 (7.3-PEUFR), 2470 (8.4-UFP).
- Leão, L.M.*: 91 (8.9-MAC).
- Lemos, R.*: 6010 8.11-IPA,MAC).
- Lima, A.*: 393-68 (1.1-IPA).
- Lima, D.P.*: 12607 (9.1-HST).
- Lima-Verde, L.W.*: EAC 44087 (8.3).
- Lopes, G.C.*: 616 (6.1-PEUFR).
- Lundin, M.F.C.*: ASE 6121 (8.5).
- Machado, M.A.B.I.*: 451 (8.3-MAC).
- Mendes, K.*: 337 (9.1-UFP).
- Mendonça, N.T.*: 469 (6.1-MAC), 346 (7.2-MAC).
- Monteiro, M. T.*: 22707(8.1-HST).
- Nascimento, L.M.*: 277 (8.7-PEUFR), 429 (8.14-PEUFR).
- Nunes, E. & Castro, A.J.*: EAC 7150 (1.1).
- Oliveira, M.R.*: EAC 209948 (7.2).
- Paiva, F.*: 3377 (5.1-HST).
- Pereira, A.*: 1753 (5.1-ALCB,CEPEC).
- Pinheiro, A.I. L.*: 161 (8.13-MAC).
- Pinheiro, R.S.*: 2085 (6.1-CEPEC).
- Ramalho, F.B.*: 249 (7.3-PEUFR).
- Rocha, R.F.A.*: 442 (8.12-MAC).
- Rodrigues, M.N.*: 1943 (8.2-MAC), 1238 (8.4-MAC; IPA).
- Santos, A.L.*: 109 (8.6-MAC).
- Santos, S.O.*: 153, 157, 329 (3.1-UFP; CEPEC; RB), 152 (4.1- UFP; CEPEC; RB), 290 (7.2-UFP; CEPEC; RB), 156, 321 (8.2-UFP), 162, 236 (8.3-UFP; RB), 295 (8.9-UFP; CEPEC; RB), 154, 158, 327 (8.12-UFP; CEPEC; RB).
- Silveira, E.*: EAC 41037 (8.13).
- Sousa, E.*: EAC 29222 (8.9).
- Souza, J.A.N.*: 294 (8.13-UFP).
- Tavares, S.*: 1140 (7.1-HST).
- Viana, G.*: 527(8.2-ASE).